

Competitividade

O RETRATO DA BALANÇA COMERCIAL

OS DEZ PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS
(Janeiro a agosto de 2012)

	Em US\$ bilhões	%
Minérios de ferro e concentrados	20,465	12,74%
Soya, mesmo triturada	15,615	9,72%
Óleos brutos de petróleo	14,129	8,80%
Açúcar de cana (em bruto)	5,298	3,30%
Carne de frango congelada, fresca ou refrigerada	4,320	2,69%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	4,205	2,62%
Café cru em grão	3,672	2,29%
Óleos combustíveis (óleo diesel etc.)	3,522	2,19%
Pastas químicas de madeira	3,054	1,90%
Aviões	2,869	1,79%

OS DEZ PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS
(Janeiro a agosto de 2012)

	Em US\$ bilhões	%
Petróleo em bruto	9,178	6,23%
Automóveis de passageiros	6,534	4,43%
Partes e peças para veículos automóveis e tratores	4,442	3,01%
Óleos combustíveis (óleo diesel etc.)	4,436	3,01%
Medicamentos para medicina humana e veterinária	4,004	2,72%
Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos	2,912	1,98%
Nafta	2,893	1,96%
Partes de aparelhos transmissores ou receptores	2,508	1,70%
Gás natural	2,121	1,44%
Hulhas (mesmo em pó, não aglomeradas)	2,111	1,43%

CONCENTRAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES EM COMMODITIES

(Em US\$ bilhões)	
20,465	Minérios de ferro e concentrados
19,820	Soya (mesmo triturada, e farelo e resíduos da extração de óleo)
14,129	Óleos brutos de petróleo
8,032	Complexo carnes (frango, bovina e suína congelada, fresca ou refrigerada)
5,298	Açúcar de cana (em bruto)
3,672	Café cru em grão

Os seis produtos respondem por 44,42% da pauta de exportações, ou US\$ 71,416 bilhões

Minérios de ferro e concentrados
Soya (mesmo triturada, e farelo e resíduos da extração de óleo)
Óleos brutos de petróleo
Complexo carnes (frango, bovina e suína congelada, fresca ou refrigerada)
Açúcar de cana (em bruto)
Café cru em grão

2,26% 2,26% 2,26% 2,26% 2,26% 2,26%

1950 1950 1950 1950 1950 1950

12,74% 12,34% 8,80% 3,30% 2,29% 1,41%

1980 1980 1980 1980 1980 1980

0,85% 0,99% 0,90% 0,85% 0,92% 1,14%

1970 1980 1990 2000 2002 2006

1,04% 1,04% 1,04% 1,04% 1,04% 1,04%

2003 2004 2007 2008 2009 2010

1,15% 1,15% 1,15% 1,15% 1,15% 1,15%

2007 2008 2009 2010 2011

1,23% 1,23% 1,23% 1,23% 1,23% 1,23%

2008 2009 2010 2011

1,22% 1,22% 1,22% 1,22% 1,22% 1,22%

2009 2010 2011

1,33% 1,33% 1,33% 1,33% 1,33% 1,33%

2010 2011

1,41% 1,41% 1,41% 1,41% 1,41% 1,41%

2011

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior

PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

0,85% 0,99% 0,90% 0,85% 0,92% 1,14%

1970 1980 1990 2000 2002 2006

0,96% 1,04% 1,04% 1,04% 1,04% 1,04%

2003 2004 2007 2008 2009 2010

1,15% 1,15% 1,15% 1,15% 1,15% 1,15%

2007 2008 2009 2010 2011

1,23% 1,23% 1,23% 1,23% 1,23% 1,23%

2008 2009 2010 2011

1,22% 1,22% 1,22% 1,22% 1,22% 1,22%

2009 2010 2011

1,33% 1,33% 1,33% 1,33% 1,33% 1,33%

2010 2011

1,41% 1,41% 1,41% 1,41% 1,41% 1,41%

2011

Fontes: OMC e AEB

FATIA DO BRASIL NO COMÉRCIO NÃO REFLETE SUA ECONOMIA

MERCADO GLOBAL: Na última década, participação do país nas trocas mundiais pouco cresceu, enquanto a da China triplicou. E as exportações continuam muito concentradas em 'commodities'

LUCIANNE CARNEIRO
O GLOBO

A importância do Brasil no ranking das maiores economias do mundo não se reflete em sua participação no comércio mundial. O país detinha uma fatia de 1,41% do comércio mundial em 2011, parcela muito pequena. A expansão tem como base as *commodities*, com uma concentração cada vez maior na pauta brasileira de exportações. Hoje, apenas seis produtos respondem, em volume, por quase metade de tudo o que o Brasil vende para o mercado externo.

Para especialistas, o cenário acaba ampliando a dependência brasileira da oscilação de preços das *commodities*. Mais grave, no entanto, apontam, é que não se avança na exportação de produtos manufaturados, diante da pouca competitividade brasileira. Faltam estratégias para aproveitar os recursos oriundos das matérias-primas.

Somos a sexta maior economia do mundo, o 22º exportador e o 21º importador. Nossa atuação no comércio exterior não é compatível com o Produto Interno Bruto (PIB). Temos um mercado doméstico grande, mas os Estados Unidos também têm e exportam muito — afirma o presidente em exercício da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro.

Dos US\$ 160,597 bilhões das exportações brasileiras em 2012 (dados até agosto), 44,42% vieram de apenas seis produtos: minério de ferro, soja, óleo bruto de petróleo, café em grão, complexo carnes (frango, bovina e suína) e açúcar. Em 2006, esses mesmos seis produtos responderam por 27,53% das exportações.

A expansão da economia mundial desde o início da década passada alavancou os preços das *commodities*. No Brasil, também cresceram os volumes exportados, o que aumentou o peso das matérias-primas na pauta de exportações. Além disso, a crise econômica mundial fez com que produtores de manufaturados buscassem outros mercados, aumentando a concorrência internacional.

O Brasil tem uma participação diminuta no comércio internacional. Isso indica que o aumento das exportações brasileiras é um movimento decorrente da expansão da economia mundial. A gente surfa nessa onda, mas sem au-

mento da fatia do comércio global, como ocorreu com a China — afirma o presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebr), embaixador Luiz Augusto de Castro Neves.

Para se ter uma ideia, a fatia do Brasil no comércio internacional subiu de 0,85% em 2000 para 1,41% em 2011, enquanto a da China passou de 3,86% para 10,43%, e a da Índia, de 0,65% para 1,63%.

Nossa participação cresceu por causa de *commodities*, sem que o Brasil tivesse influência nesse processo, enquanto a China abriu e roubou mercados, com quase 100% de suas exportações formadas por produtos manufaturados — explica Castro, da AEB.

A cautela é porque o preço das *commodities* é definido internacionalmente e oscila de acordo com o momento da economia mundial. Num momento de crise, pode cair e trazer impacto forte para a balança comercial brasileira.

Nosso perfil de comércio exterior é dependente de *commodities*. Quanto mais a pauta está ligada a *commodities*, mais vulnerável é o país — afirma o economista da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) Rodrigo Branco.

Castro Neves discorda. Segundo ele, "as *commodities* têm carregado o piano das exportações brasileiras", e o grande problema é a falta de uma política para o bom uso desses recursos. Ele lembra que os próprios Estados Unidos foram um grande exportador de *commodities* e, com isso, financiaram sua industrialização.

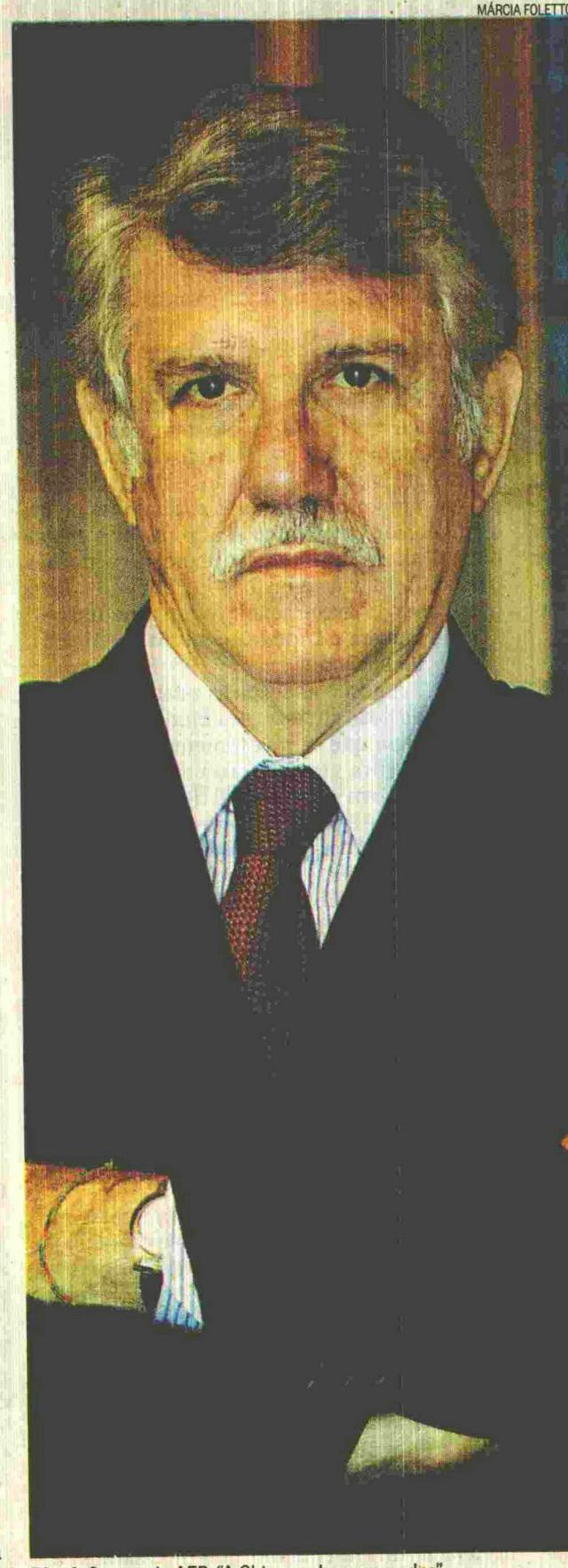
Nosso vizinho Chile, assim como Austrália, Nova Zelândia e Noruega, conseguiu crescer explorando as vantagens naturais. Uma boa alternativa seria estimular as cadeias industriais associadas a essas vantagens naturais — diz o professor do Insper Sérgio Lazzarini, que defende a criação de um fundo soberano para mitigar os riscos das *commodities*.

O problema, segundo Castro, da AEB, é o desempenho fraco das vendas de manufaturados:

Exportar *commodities* não é ruim, o problema é só exportar isso. O Brasil é naturalmente um exportador de *commodities*. O que não podemos é deixar de exportar os manufaturados, que é o que está acontecendo.

Nessa área, no entanto, pesam contra o avanço dos manufaturados as já conhecidas fraquezas brasileiras, como a elevada carga tributária e a infraestrutura precária.

O preço do produto manufaturado brasileiro é alto, por causa da precária logística de exportação e impostos elevados. O sistema tributário é a principal queixa de nossos clientes exportadores — revela Andreia Balassiano, sócia do Bichara, Barata e Costa Advogados.



MÁRCIA FOLETO

“

"O aumento das exportações brasileiras é decorrente da expansão da economia mundial. A gente surfa nessa onda, mas sem aumento da fatia do comércio internacional, como ocorreu com a China"

Luiz Augusto de Castro Neves
Presidente do Cebr

"Chile, Austrália, Nova Zelândia e Noruega conseguiram crescer explorando vantagens naturais. Uma alternativa seria estimular cadeias industriais associadas a essas vantagens naturais"

Sérgio Lazzarini
Professor do Insper

Rival. Castro, da AEB: "A China roubou mercados"